CFESS Manifesta

Seminário Nacional Serviço Social, Relações Fronteiriças e Fluxos Migratórios Internacionais

Belém (PA), 6 de julho de 2016 | Gestão Tecendo na luta a manhã desejada

CFESS
CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL
www.cfess.org.br

FRONTEIRAS (IN)VISÍVEIS DO CAPITAL

Quantos Aylan Kurdi ainda morrerão pela bárbarie capitalista? Nenhum a menos!

Pátria que pariu
Pátria que destituiu
Pátria que afogou
Pátria que matou
Somos o aqui e o agora
Somos o futuro e o antes
Somos todos imigrantes
(daniela castilho)

Nos últimos anos, a chamada "crise migratória" se transformou em uma verdadeira crise social e política, que toma conta do mundo, em especial do continente europeu. Tem-se assistido, pelos meios de comunicação, a um verdadeiro exército humano se movimentando e tentando fugir de guerras, misérias e perseguições políticas que a barbárie capitalista impõe à classe trabalhadora internacional.

A inesquecível e estarrecedora cena do menino curdo-sírio Aylan Kurdi, morto por afogamento em uma praia da Turquia, após o barco em que estava com sua família ter naufragado, parece ser o sintoma e a expressão mais cruel dessa barbárie.

Mas porque vivenciamos essa tal "crise" migratória? O que se encontra por detrás da "cortina de ferro"? Quais os interesses que estão em jogo?

Aqui é bom que se diga e se esclareça que o que a mídia entende como "crise migratória" é uma espécie de instabilidade e descontrole, mesmo que provisório e momentâneo, no fluxo populacional que se concentra entre o Oriente Médio, a África Subsaariana e o continente europeu. Mas isso é o aparente, pois o que está por detrás mesmo é um plano nefasto e maquiavélico, cuja perspectiva geopolítica e econômica é a acumulação capitalista.

Era desse cenário, de destruição e morte em massa, promovido pelos EUA, pelos países europeus e pelo Estado Islâmico, que o pequeno Aylan Kurdi e sua família fugiam. O pequeno e doce Aylan, sem sequer entender, era um refugiado, pois fugia em razão da violência existente em seu país, das guerras e genocídios promovidos pelos mesmos países que lhe negaram abrigo.

Uma onda de violência, ao longo desses últimos meses, deu espaço também às práticas xenofóbicas, principalmente protagonizadas pelos países europeus, por meio, entre outros, de ataques e incêndios a espaços de acolhimento de refugiados/as e aumento considerável de ações racistas, principalmente contra multidões que migram da África Subsaariana.

▶

Este Seminário é de fundamental importância, na medida em que se torna um espaço de reflexão e debate coletivo sobre as desigualdades que caracterizam o atual processo de mundialização do capital e neoliberalismo; suas implicações para a migração internacional e o cotidiano vivenciado em áreas de fronteira, bem como os desafios, para o Serviço Social contemporâneo, na consolidação dos direitos humanos e da cidadania internacional.

Nos últimos anos, o Brasil também entrou na rota das migrações internacionais como país de destino. Segundo dados do Comitê Nacional para Refugiados (Conare) e do Ministério da Justiça, só entre os anos de 2010 e 2012, o número de pessoas pedindo refúgio para o Brasil triplicou. Esse movimento continuou aumentando, sobretudo de populações advindas de países subdesenvolvidos ou com uma precária situação econômica, além de povos de regiões marcadas por grandes conflitos ou em situação de crise humanitárias, como o Oriente Médio, África e Ásia.

Constituem exemplos vivos dessa situação os casos dos/as bolivianos/as, assim como dos/as haitianos/as que vieram para o Brasil nos três últimos anos. A região que recebeu o fluxo maior de migrantes haitianos/as foi a região norte, em especial na região de Brasiléia (AC), de onde têm sido reenviados/as para todo o território nacional. Outros países que se destacaram no envio de imigrantes foram Bangladesh, Senegal, Angola. Infelizmente, esses indivíduos têm sido vítimas de agenciadores/as inescrupulosos/as e de empregadores/as que ofertam trabalho em sistemas de semiescravidão, principalmente em ateliês de confecção de roupas e em frigoríficos, tendo seus direitos aviltados.

Estamos subsumidos/as e diluídos/as no individualismo possessivo, burguês e esquizofrênico da barbárie capitalista, que coloca uns/umas contra os/as outros/as. As expressões racistas e xenofóbicas têm como um dos objetivos confundir e fragmentar a classe trabalhadora internacional. É preciso estar atentas/os e fortes, para desvelar o "canto da sereia" e compreender que a divisão entre nativos/as e estrangeiros/as e entre imigrantes e refugiados/as é uma forma de enfraquecer e embotar a capacidade da classe trabalhadora de se mobilizar e se organizar mundialmente. Os/as inimigos/as são outros/as! A tristeza tem nome. A opressão tem lado e a exploração tem classe!

O Serviço Social na luta e ao lado da classe trabalhadora internacional

A solidariedade entre a classe trabalhadora mundial é fundamental para o enfrentamento da barbárie social. Para o Serviço Social, esta é uma das expressões mais aviltantes da questão social, portanto, uma expressão contundente da luta de classes na atualidade.

Na sociabilidade capitalista, assimetrias de raça, gênero, nacionalidade e etnia nos impõem caminhos de indignação e rebeldia. É urgente encontrarmos formas que nos levem a um horizonte de unidade, na luta pelos direitos de migrantes e refugiados/as com os demais segmentos da classe trabalhadora contra o capital. O processo migratório serve aos interesses dos grandes países capitalistas, na medida em que alimenta a rede de informalidade do mundo do trabalho, aumentando assim a precarização nas condições de trabalho.

Estes deslocamentos têm corroborado a exploração da força de trabalho e a lucratividade de empresas. Contraditoriamente à sua funcionalidade à produção capitalista, migrantes e fronteiriças/os tornam-se um problema quando esbarram em fronteiras de exigências da cidadania e tornam-se alvo de preocupação dos "custos" para o Estado burguês.

Na extensa região de fronteiras do Brasil, vivenciam-se particularidades nas desigualdades econômico-sociais, o que tem provocado a mobilidade de fronteiriças/os em busca de melhores condições de vida nesta sociabilidade, impactando também o acesso a direitos, em especial no campo da proteção social e dos direitos humanos. Atualmente, cerca de 200 milhões de pessoas se converteram em migrantes, algo em torno de 3% da população mundial.

Compreendemos que este quadro impõe desafios e novas requisições para o exercício profissional, à luz do projeto ético-político, na particularidade dos territórios fronteiriços e fluxos migratórios internacionais contemporâneos. No cotidiano do trabalho profissional, ao lidar com as demandas de migrantes internacionais e de populações fronteiriças, as/os assistentes sociais deparam-se com desafios: como atuar na perspectiva da universalização dos direitos sociais em um contexto em que as políticas sociais, focalizadas e precárias, são voltadas apenas às/aos trabalhadoras/es brasileiras/os? Como assegurar acesso ao direito à seguridade social e à educação à/ao fronteiriça/o, se há obstáculos legais e procedimentais que impedem esse acesso? Por que reafirmar a postura ético-política em defesa das/os trabalhadoras/es nestas situações? Por que apreender os fluxos migratórios internacionais e a mobilidade das populações fronteiriças como expressões da questão social no contexto de países de capitalismo periférico?

O Seminário Nacional, promovido pelo Conjunto CFESS-CRESS, "Serviço Social, Relações Fronteiriças e Fluxos Migratórios Internacionais", é um evento de fundamental importância, na medida em que se torna um espaço de reflexão e debate coletivo sobre as desigualdades que caracterizam o atual processo de mundialização do capital e neoliberalismo; suas implicações para a migração internacional e o cotidiano vivenciado em áreas de fronteira, bem como os desafios, para o Serviço Social contemporâneo, na consolidação dos direitos humanos e da cidadania internacional. A perspectiva é dar visibilidade à participação de assistentes sociais no atendimento prestado aos/às imigrantes, às pessoas que residem em área de fronteira internacional e refugiados/as que passam a viver no Brasil, ampliando sua contribuição para o acesso aos direitos humanos fundamentais, independente das nacionalidades que delimitam a cidadania burguesa. **Somos todos/as imigrantes!**

CFESS CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL

80 ANOS DO SERVIÇO SOCIAL UMA PROFISSÃO INSCRITA NO BRASIL

Gestão Tecendo na luta a manhã desejada (2014-2017)

PRESIDENTE Maurílio Castro de Matos (RJ)
VICE-PRESIDENTE Esther Luíza de Souza Lemos (PR)
1ª SECRETÁRIA Tânia Maria Ramos Godoi Diniz (SP)
2ª SECRETÁRIA Daniela Castilho (PA)
1ª TESOUREIRA Sandra Teixeira (DF)
2ª TESOUREIRA Nazarela Rêgo Guimarães (BA)
CONSELHO FISCAL
Juliana Iglesias Melim (ES), Daniela Neves (DF) e Valéria Coelho (AL)

SUPLENTES
Alessandra Ribeiro de Souza (MG)
Josiane Soares Santos (SE)
Erlenia Sobral do Vale (CE)
Marlene Merisse (SP)
Raquel Ferreira Crespo de Alvarenga (PB)
Maria Bernadette de Moraes Medeiros (RS)
Solange da Silva Moreira (RJ)

CFESS MANIFESTA Serviço Social, Relações Fronteiriças e Fluxos Migratórios Internacionais
Conteúdo (aprovado pela diretoria): *Daniela Castilho*
Organização: Comissão de Comunicação
Revisão: Diogo Adjuto
Diagramação e arte: Rafael Werkema

FALE CONOSCO SCS Quadra 2, Bloco C, Edf. Serra Dourada, Salas 312-318 , CEP: 70300-902 - Brasília - DF - Fone: (61) 3223.1652 - comunicacao@cfess.org.br